

# humanitas

Vol. LII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LII • MM



publicada na Loeb Classical Library, em 1969, que transcreve e a partir da qual faz a tradução espanhola. Acrescentou ainda algumas notas ao latim e à versão em língua castelhana e, por fim, referências às principais edições de petrônio e a alguns estudos, centrados em especial sobre a *Antologia Latina*.

DELFIN F. LEÃO

TEIXEIRA, Cláudia: *A conquista da alegria. Estratégia apologética no romance de Apuleio* (Lisboa, Edições 70, 2000) 160 p.

O trabalho de Cláudia TEIXEIRA agora publicado corresponde, em termos globais, à investigação apresentada como dissertação de Mestrado, sob orientação de Walter de Medeiros, o qual, de resto, escreveu o “Preâmbulo” (pp. 9-16), onde, com o seu característico estilo envolvente e límpido, desenha, de forma clara e eficaz, os traços essenciais da época, formação e actividade de Apuleio. No seu estudo, C. TEIXEIRA procura mostrar que o *Asinus aureus* foi organizado segundo uma estratégia apologética que segue três grandes ciclos. O primeiro (pré-metamórfico) explora os factores que conduziram à queda ontológica de Lúcio e ao afastamento do mundo racional: *curiositas*, *seruiles uoluptates* e magia negra; o segundo ciclo (metamórfico) segue o longo caminho do castigo para o qual a *Fortuna caeca* arrasta o protagonista; o terceiro (pós-metamórfico), «funciona como espelho contrastivo dos valores enunciados nos ciclos anteriores: à *improspera curiositas*, actualizada por um ritual de magia negra, opõe-se a noção de conhecimento do divino, decorrente dos rituais de iniciação; às *seruiles uoluptates*, resultantes do envolvimento físico com Fótis, opõem-se as *sacrae uoluptates* ou êxtase místico, resultantes da contemplação espiritual da deusa; ao caos e à aleatoriedade do mundo da *Fortuna caeca* opõem-se a ordem e a paz do mundo da *Fortuna uidens* ou Ísis» (p. 148). Os dois ciclos iniciais ocupam, sensivelmente, os dez primeiros livros e, neles, a estratégia apologética do universo puro de Ísis é feita através de uma «arquitectura invisível», disfarçada pela aparente aleatoriedade dos múltiplos episódios que enformam a narração e, por esse motivo, obrigam a um maior esforço de interpretação. No último ciclo, que coincide com o livro undécimo, a mensagem isíaca é já clara e inequívoca, permitindo conjugar e iluminar os elementos fornecidos, até então, de maneira encoberta. A Autora defende, assim, a unidade ideológica do *Asinus aureus*, perspectiva que também partilhamos. Em si, tal leitura não é nova, mas a pertinência do estudo de C. TEIXEIRA reside na forma clara e inteligente como soube conjugar os vários contributos da crítica através de uma abordagem pessoal da obra de Apuleio. Será, por conseguinte, oportuno recordar brevemente o caminho percorrido pela Autora.

Num primeiro capítulo, C. TEIXEIRA evoca as “Posições da crítica”, delineando as grandes linhas interpretativas do *Asinus aureus* (enquanto obra de divertimento; de apologia proselitica; de estética psicagógica), ao mesmo tempo que justifica a opção pela segunda hipótese — em nosso entender também a mais correcta. Em seguida, analisa os “Dados do prólogo”, operação que lhe permite acentuar a natureza iniciática da escrita de Apuleio, que exige, por isso, uma atenção redobrada na sua leitura. Depois, reflecte sobre as “Intervenções da Providência na fase inicial do romance” (que servem tanto de aviso contra os perigos do irracional, como de garantias de apoio), explorando, com clareza e tacto, episódios como o relato de Aristómenes, o

átrio de Birrena e a história de Télifron. O quarto capítulo centra-se na figura de Fótiis, que caracteriza como personagem ambígua, por facultar a Lúcio o caminho das *seruiles uoluptates* e da magia negra, mas também por funcionar como via que permitirá ao amante atingir a salvação e a alegria. Em seguida, centra-se no “conto de Amor e Psique”, onde analisa, com pertinência, os paralelos com a história de Lúcio bem como o processo de dessacralização dos deuses tradicionais, que prepara a afirmação do culto de Ísis. Os dois capítulos seguintes acabam por contribuir, por vias diversas, para este mesmo objectivo, quer ao ver a figura de Cárite como «drama da “graça” na desgraça» quer ao reflectir sobre a impudência moral dos sacerdotes da Deusa Síria e sobre o comportamento da mulher do moleiro, cujas práticas religiosas são oportunamente caracterizadas como «um dos elementos que compõem a sua natureza viciosa» (p. 108). As “histórias de morte e de adultério”, a que dedica o oitavo capítulo, são os momentos onde mais se potencia a acção trágica da *Fortuna caeca*, de que o homem se não consegue livrar sozinho, anunciando-se, desta forma, a revelação organizadora de Ísis. O “caminho da ascensão” começa quando Lúcio passa para as mãos de dois irmãos cozinheiros e se “descobrem” as capacidades miméticas do burro, que marcam o início do seu processo de humanização. Com o último capítulo, “a conquista da alegria”, centrado no significado do livro undécimo, a Autora completa o enquadramento final e mais elevado do isismo, reforçando, assim, a pertinência da leitura que foi desenvolvendo ao longo de todo o estudo.

Sem deixarmos de reconhecer e acentuar o cuidado e equilíbrio da exposição de C. TEIXEIRA, gostaríamos, ainda assim, de fazer alguns reparos e sugestões, com o intuito de lançar futuras pistas de trabalho e de promover eventuais melhoramentos. Um deles consiste no facto de a Autora considerar o *Asinus aureus* como um romance, perspectiva que partilhamos, mas talvez não fosse despropositado discutir um pouco as características deste género literário, tanto mais que, geralmente, os teóricos da literatura não lhe reconhecem verdadeiras raízes greco-latinas. Ao longo da exposição, a Autora tece com frequência considerações (e.g. pp. 34-35) onde se reconhece a funcionalidade de conceitos como “estrutura profunda” e “estrutura de superfície”, derivados da linguística de Chomsky e da gramática gerativa em geral; não seria impertinente que C. TEIXEIRA esclarecesse o sentido com que os utiliza, mesmo que os use apenas de forma implícita. Ainda em termos metodológicos, cremos que haveria vantagem em que, ao fazer citações de estudiosos (que, contra a prática adoptada, por vezes não traduz), a Autora indicasse o número da página de onde retirava o passo, preocupação que nem sempre tem (e.g. 59 n. 2). Em termos analíticos, talvez fosse vantajoso explorar a atribuição do nome “Sócrates” a uma das personagens, tanto mais que Apuleio era considerado um “filósofo platónico”. Da mesma forma, teria sido pertinente salientar que o nome do liberto (*Thiasus*) encarregado de amestrar Lúcio sugere ligações ao culto dionísíaco e, por esta via, também às artes do espectáculo. Ou ainda, para darmos apenas mais um exemplo, valeria a pena discutir a eventual contradição entre a dessacralização de Ceres/Deméter no conto de Amor e Psique (cf. p. 80) e o louvor implícito dos Mistérios de Elêusis presente no prólogo do *Asinus aureus* (cf. pp. 36-37).

São apenas mais algumas pistas para aprofundar um estudo bem feito, escrito de forma clara e agradável, onde tanto o crítico de Apuleio como o leitor menos familiarizado com o Madaurense encontrará múltiplos motivos de interesse.